



**UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE SAÚDE DE BARBACENA- FASAB
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**DIOGO BRAZ LEMOS
FRANCIELE FERREIRA BERNINI**

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO DIANTE DOS DESAFIOS ENCONTRADOS NO
CUIDADO AO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**BARBACENA
2018**

**DIOGO BRAZ LEMOS
FRANCIELE FERREIRA BERNINI**

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO DIANTE DOS DESAFIOS ENCONTRADOS NO
CUIDADO AO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof. Ms. Marcela Nolasco

**BARBACENA
2018**

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO DIANTE DOS DESAFIOS ENCONTRADOS NO CUIDADO AO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).

THE NURSING PERFORMANCE FACING THE CHALLENGES FOUND IN THE CARE OF AUTISM SPECTRUM DISORDER PATIENTS.

Diogo Braz Lemos^I; Franciele Ferreira Bernini^{II}; Marcela Nolasco^{III}

RESUMO: Objetivo: verificar através da literatura quais são os desafios da enfermagem durante a assistência ao paciente com TEA, buscando analisar as dificuldades encontradas pelos enfermeiros ao se relacionar e atender as crianças com autismo. Discutir a relação entre a comunicação e o processo de enfermagem no atendimento ao paciente com TEA e sua família. Método: revisão integrativa composta por 6 artigos, com vistas a responder a questão, A assistência prestada pelo enfermeiro contribui para a melhora na qualidade de vida do paciente com TEA? Foi realizada busca da produção científica, entre 2013 a 2017, nas Bases de Dados SCIELO e BVS. Resultados: os artigos relatam sobre a atuação dos enfermeiros, descrevendo de maneira positiva ou negativa. O papel da família no diagnóstico é primordial, pois, o convívio diário dos pais permite que eles sejam os primeiros a observarem, que as crianças apresentam comportamentos diferentes. Nesse contexto o enfermeiro ganha espaço, traçando planos de cuidados para a criança autista e sua família. Oferecendo apoio e orientações acerca da direção que irão tomar. Conclusão: percebeu-se que o tema é pouco abordado no Brasil, conforme o pequeno quantitativo de artigos que contemplaram os critérios de análise deste estudo, o que reflete na precariedade da atenção dos enfermeiros voltada á assistência aos portadores de TEA.

Palavras-chave: Cuidados de enfermagem. Transtorno autístico. Enfermagem pediátrica. Transtorno do espectro autista.

ABSTRACT: Objective: to verify, through literature, which are the challenges of the nurses within the assistance of Autism Spectrum Disorder (ASD) patients, aiming to analyze the difficulties find by the nurses when interacting and assisting children with autism. To discuss the communication and the nursing care process in relation to ASD patients and their family. Method: Integrative review of 6 papers for answering the question: Does the nursing assistance contribute to broaden the patient`s quality

of life? It was searched for scientific productions among the Data Base of SCIELO and BVS. Results: the papers show the nursing performance, describing it either positively or negatively. The role of the family for the diagnosis is essential, because it is the parents` daily interaction that allows them to observe the different behavior of the children. In this context the nurse gains space and plans how to care for the patient and the family; offering support and guidance about which path will they follow. Conclusion: It was noticed the topic is little approached in Brazil, because of the few amount of papers that envisage the analyses criteria of this study, which reflects in the substandard attention of the nurses to assist ASD patients.

Keywords: Nursing Care. Autism disorder. Paediatric nursing. Autism spectrum disorder.

1 Aluno do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Presidente Antônio Carlos UNIPAC Barbacena-MG. e-mail:diogollemos2012@gmail.com

2 Aluna do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Presidente Antônio Carlos UNIPAC Barbacena-MG. e-mail: franbernini2014@gmail.com

3 Enfermeira. Mestre. Docente na UNIPAC e no UNIPTAN. Coordenadora de pós graduação. e-mail: marcelanolasco@unipac.br

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), que inclui o autismo clássico é uma síndrome comportamental que leva ao comprometimento psiconeurológico e motor, gerando falhas na cognição, linguagem e interação social do portador. Nestes termos o Transtorno do Autismo ou TEA é considerada uma síndrome com etiologia ainda desconhecida, causada por diversos fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança que afetam o desenvolvimento do cérebro podendo ocorrer antes, durante e após o nascimento.^{1,2,3}

As principais características, que propiciam ao diagnóstico do TEA, são as dificuldades apresentadas para a comunicação social, comportamento possessivo e que se repete, desejo de manter rotinas, habilidades com jogos de encaixe e montagem e, especialmente, o sinal clínico de isolamento. O Transtorno do Espectro Autista se manifesta em proporções diferentes, dessa forma, alguns podem apresentar o transtorno e este ser mais evidente, e outros de maneira tão sutil só sendo perceptível com o tempo.^{2,4,5}

Em um estudo apresentado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, o número de casos de autismo tem aumentado cada vez mais, chegando a refletir em 1% da população mundial, isso significa que 70 milhões de pessoas estão diagnosticadas com a síndrome, que acomete mais o sexo masculino. Estima-se que no Brasil o número de pessoas com o autismo já chegue a 2 milhões. Para que se tenha uma melhor visão sobre os dados a cada 68 crianças uma recebe o diagnóstico do TEA, o equivalente a 14,7% / 1000, em sua maioria com diagnóstico tardio.^{6,7}

O recente aumento de atenção na mídia tornou esta condição um pouco mais conhecida, tornando público que as famílias que tem um filho recém diagnosticado, são impactadas e tendem a mudar sua rotina, se readaptando às mudanças financeiras e nas relações familiares. Portanto, famílias com paciente portador do TEA, vivenciam uma realidade permeada por desafios e sentimentos de desespero, ansiedade, preocupações, frustrações e medo.^{8,9}

Na contemporaneidade, é escasso o número de pesquisas e publicações sobre o autismo, principalmente, no que diz respeito à assistência e intervenção de enfermagem, dificultando a atuação destes profissionais de saúde, que buscam por

embasamento teórico que possam auxiliar no atendimento e cuidado aos portadores do Transtorno do Espectro Autista e seus familiares¹⁰.

Deste modo, compreender o dia a dia de famílias que convivem com o autismo, possibilita ao enfermeiro subsídios para planejar a assistência voltada às necessidades do portador do TEA e de seus familiares. Diante do paciente autista, compete ao enfermeiro o papel de humanização, acolhimento e entendimento, estabelecendo limites, orientações e apoio a família. Destaca-se, que o cuidado, será efetivo a partir do momento que o profissional de enfermagem tiver embasamento teórico, proporcionando assim segurança para contribuir junto a estas famílias. ^{10,11}

A experiência dos autores, como acadêmicos de enfermagem em estágio, realizado em uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), de um município localizado no Campo das Vertentes, possibilitou a proximidade científica a esta temática. Além disso, estar em contato com as crianças com TEA consistiu-se em uma motivação deste estudo. Frente a essas considerações, elaborou-se a questão norteadora desta pesquisa: A assistência prestada pelo enfermeiro contribui para a melhora na qualidade de vida do paciente com Transtorno do Espectro Autista?

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo verificar através da literatura quais são os desafios da enfermagem durante a assistência ao paciente com TEA, buscando analisar as dificuldades encontradas pelos enfermeiros ao se relacionar e atender as crianças com autismo. Discutir a relação entre a comunicação e o processo de enfermagem no atendimento ao paciente com TEA e sua família.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa, realizada a partir de estudos publicados em bases indexadas, que permitiu a formulação de novos conhecimentos baseados nos resultados encontrados. A revisão foi realizada em seis etapas: 1) Identificação do tema e definição do problema, com destaque para relevância da questão para a saúde e a enfermagem; 2) Estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de estudos na busca de dados; 3) Categorização das informações selecionadas; 4) Avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; 5) Interpretação dos resultados, comparando-os com o conhecimento teórico prévio; 6) Apresentação da revisão e síntese dos dados obtidos.¹²

Na busca de respostas a questão formulada, foi realizada uma pesquisa exploratória em periódicos *on-line* da área da saúde, nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)* e *Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)*, no mês de Janeiro e fevereiro de 2018, tendo como finalidade de identificar a produção científica sobre a temática abordada, a fim de esclarecer conceitos e ideias, sobre o papel do enfermeiro, no enfrentamento dos desafios dos portadores do TEA e seus familiares. Sendo utilizados os descritores, seguido do operador booleano *and*: cuidados de enfermagem *and* transtorno autístico, transtorno autístico *and* enfermagem pediátrica, atenção à saúde *and* transtorno do espectro autista, enfermagem pediátrica *and* transtorno autístico.

O recorte temporal adotado foram estudos publicados entre 2013 e 2017, devido à viabilidade analítica, tendo como critérios de inclusão estudos em português disponíveis *on-line* na íntegra, nas referidas bases de dados: que possuíam ou discutissem as dificuldades que as famílias e o paciente com TEA enfrentam, e qual o papel do enfermeiro nas mesmas. Foram excluídos estudos que não tinha relação com o objeto de estudo, teses e dissertações.

Inicialmente, foram encontrados 220 artigos, divididos nas bases de dados BVS e SCIELO. Para assegurar a fidedignidade da pesquisa, a busca e seleção dos estudos foram realizadas de forma criteriosa. Utilizando os descritores cuidados de enfermagem *and* transtorno autístico, em busca de artigos na BVS, foram encontrados 199 estudos, após usar os filtros: texto completo disponível, idioma português e ano de 2013 a 2017, resgataram-se 8 artigos. Deste quantitativo, 2 artigos foram repetidos e 3 excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão. Realizando uma nova busca, na mesma base de dados, com o descritor transtorno autístico *and* enfermagem pediátrica foram encontrados 3 estudos repetidos da primeira busca. Objetivando encontrar mais artigos, desta vez, empregando o descritor atenção à saúde *and* transtorno do espectro autista foram encontrados 4 artigos, 1 se enquadrava no critério de inclusão e 3 foram excluídos. Enquanto com o descritor enfermagem pediátrica *and* transtorno autístico foram encontrados 3 estudos, todos se repetiam de buscas anteriores.

Partindo para a base de dados SCIELO, em busca de mais estudos, foi utilizado o descritor, cuidados de enfermagem *and* transtorno autístico foram identificados 2 estudos, sendo um deles repetido da BVS. Já com o descritor, transtorno autístico

and enfermagem pediátrica apontou 1 artigo que se repetia da BVS. Através do descritor, atenção à saúde *and* transtorno do espectro autista não foram encontrados nenhum estudo. E por meio do descritor enfermagem pediátrica *and* transtorno autístico foram identificados 5 estudos, 1 se enquadrou nos critérios de inclusão, sendo 1 repetido da BVS e 3 excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão.

A escolha dos artigos foi realizada pelos autores diante da leitura dos títulos, resumo e palavras-chave. Assim, após a pré-seleção, os artigos foram lidos na íntegra e aplicados os critérios de inclusão e exclusão predeterminados.

A organização das informações atribui-se por meio de um instrumento estruturado, já validado, avaliando-se dados inerentes à identificação do artigo, tipo metodológico do estudo, análise do rigor metodológico, das intervenções determinadas e os resultados encontrados nos artigos ao periódico, autor, estudo e o nível de evidência¹². Este método foi utilizado objetivando uma interpretação ampliada dos estudos incluídos, por conter informações primordiais e por conceder uma análise constante dos dados.

Quanto às evidências científicas dos estudos¹³, categorizou-se, considerando: Nível 1- as evidências são procedentes de revisão sistemática ou metanálise de ensaios clínicos randomizados controlados relevantes ou derivados de diretrizes clínicas fundamentadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados; Nível 2 - evidências oriundas de, pelo menos, um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; Nível 3 - evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização; Nível 4 – evidências provenientes de estudos de coorte e de caso-controle bem delineados; Nível 5 – evidências originárias de revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; Nível 6 – evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo; Nível 7– evidências procedentes de opinião de autoridades e/ou relatório de comitês de especialistas. O passo seguinte foi à organização, comparação e o agrupamento das informações para a escrita¹³.

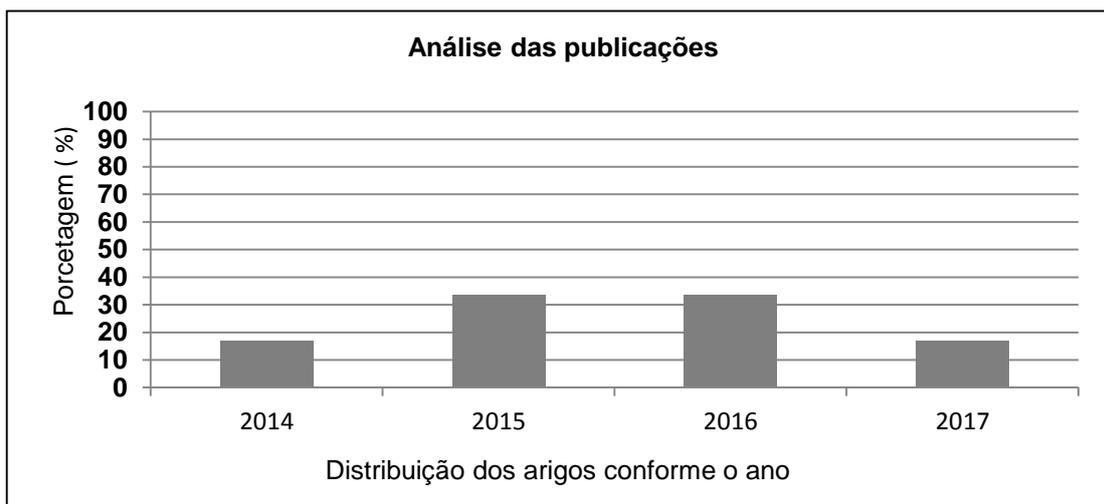
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra final desta revisão foi composta por seis artigos científicos, selecionados pelos critérios de inclusão previamente estabelecidos. A partir da análise percebe-se

o ano de publicação; um artigo em 2014, seguido de dois em 2015, dois em 2016 e um em 2017. Para estruturar os resultados, foram elaborados quadros que contemplam informações relevantes sobre as publicações incluídas na revisão, portanto são analisadas com maior detalhamento.

Quadro 1: Distribuição dos artigos conforme porcentagem e ano de publicação.

Fonte: autores do estudo, 2018.



Em relação à autoria dos artigos foi verificada uma dominância de 100% de enfermeiros como autores. Não foi verificada uma dominância de um periódico para publicação dos artigos.

Quadro 2: Descrição dos trabalhos publicados e incluídos na revisão integrativa, de acordo com título do artigo, autores, base de dados, periódicos, ano de publicação, objetivo, resultados e conclusão.

Fonte: autores do estudo, 2018

Artigo N°	Título do artigo	Autores	Base de dados	Periódico Ano	Objetivo	Resultado	Conclusão
A14	A equipe de enfermagem e as crianças autistas.	Dartora DD, Mendiet a MC, Franchini B.	BVS	J Nurs Health. 2014.	Conhecer a percepção da Equipe de Enfermagem frente ao atendimento às crianças autistas.	Observou-se que há incutido em cada profissional uma visão limitada sobre crianças autistas, por vezes preconceituosas. O conhecimento empírico sobrepôs-se ao científico e com isso a assistência às	A busca pelo conhecimento deve estar intrínseca a cada profissional, para assim, contribuir com uma assistência mais qualificada.

						crianças com autismo mostrou-se fragilizada.	
A15	Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussão nas relações familiares.	Pinto RNM, Torquato IMB, Collet N, Reichert APS, Neto VLS, Saraiva AM.	SCIELO	Rev. Gaúcha de Enferm. 2016.	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares.	Identificou-se uma Unidade Temática Central com respectivas categorias: o impacto da revelação do diagnóstico de autismo para a família; características da revelação do diagnóstico: o local, o tempo e a relação dialógica entre o profissional e a família; alteração nas relações familiares e a sobrecarga materna no cuidado à criança autista	Há necessidade do profissional de saúde que noticiará o autismo saber preparar melhor a família para enfrentar as dificuldades impostas pela síndrome e para conquistar a autonomia no cuidado ao autista.
A16	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.	Sena RCF, Reinaldo EM, Silva GWS et al.	BVS	J. res: Fundam. Care. Online. 2015.	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico.	Evidenciou-se insegurança e fragilidade no conhecimento dos enfermeiros sobre o transtorno autístico em virtude de não terem conseguido definir autismo nem demonstrado vivência com pessoas autistas e relataram à inexistência de capacitação voltadas para o tema exposto.	Constatou-se déficit de conhecimento dos enfermeiros acerca do autismo infantil e inexistência de intervenções práticas realizadas com pessoas autistas e seus familiares, além da não oferta de capacitação que aborde o assunto.
A17	Mães de crianças com	Ebert M, Zini EL, Silva EF.	SCIELO	Rev. Gaúcha Enferm. 2015.	Conhecer as percepções de mães de crianças	Da análise de conteúdo temática emergiram as categorias;	Após a percepção das alterações no comportamento/desenvolvim

	trastorno autístico: percepção e trajetórias.				com autismo quanto as alterações apresentadas pelo filho e às suas trajetórias percorridas na busca pelo diagnóstico.	percepções de mães quanto a alterações no comportamento e/ou desenvolvimento de seus filhos; e trajetórias de mães na busca pelo diagnóstico do filho.	ento/ as mães enfrentam uma peregrinação pelos serviços de saúde.
A18	Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial.	Franzoni MAH, Santos JLG, Backes VMS et al.	BVS	Enferm. 2016.	Relatar a experiência da utilização da música como tecnologia de cuidado em enfermagem às crianças com transtorno do espectro do autismo em um CAPSi.	A intervenção musical favoreceu e orientou novas experiências lúdicas, sensoriais, motoras, de linguagem e de interação de crianças com transtorno do espectro do autismo, sendo possível abarcar a tríade de alterações – interação, comunicação e comportamento de forma lúdica e musical.	É importante que os profissionais aprofundem e desenvolvam conhecimentos sobre métodos e estratégias do uso da música terapêutica em saúde mental a fim de ampliar a sua utilização no cuidado a essas crianças, e avaliar os efeitos dessa intervenção.
A19	Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories	Rodrigues PMS, Albuquerque MCS, Brêda MZ et al.	BVS	Esc. Anna Nery. 2017.	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a Social Stories como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do	Realizaram-se três intervenções semanais para estímulo ao autocuidado e avaliação com a mãe acerca da evolução da criança. Contatou-se a evolução da criança do sistema parcialmente compensatório para o sistema de apoio-educação,	A associação da teoria de Orem com a Social Stories apresentou-se como uma estratégia efetiva no estímulo ao autocuidado pela criança.

					autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista.	devido ao aumento da capacidade de autocuidado no banho, na escovação dos dentes e na higienização após as eliminações intestinais.	
--	--	--	--	--	--	---	--

Em relação ao delineamento metodológico, apenas um trabalho é de relato de experiência (17%), apresentando nível de evidência III, os outros trabalhos são de âmbito qualitativo, descritivo, exploratório totalizando (83%) dos trabalhos que apresentaram um nível de evidência igual a VI. Quanto à abordagem, foi coincidente a qualitativa, evidenciando, também, entrevista semiestruturada como técnica para obter informações e coleta de dados. Já a origem dos artigos utilizados, temos predominância de trabalhos feitos no Brasil (100%).

Quadro 3: Descrição dos estudos incluídos na revisão integrativa segundo o delineamento de pesquisa, nível de evidências e país de origem.

Fonte: autores do estudo, 2018.

Artigo N°	Delineamento	Nível de evidência	País de origem
A14	Pesquisa qualitativa descritiva e exploratória	6	Brasil
A15	Estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa	6	Brasil
A16	Estudo exploratório com abordagem qualitativa	6	Brasil
A17	Estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa.	6	Brasil
A18	Relato de experiência	3	Brasil
A19	Estudo qualitativo descritivo	6	Brasil

Os artigos A14, A15, A16, A17, A18, e A19 abordaram com clareza e coerência o conceito do Transtorno do Espectro Autista, destacando a tríade: interações sociais com deficiências graves, dificuldades na comunicação verbal e não verbal e ausência de

atividades criativas, com comportamentos repetitivos. Todos os artigos relatam sobre a atuação dos enfermeiros, decorrendo de maneira positiva ou negativa.^{14,15,16,17,18,19}

Através da análise das informações contidas nos artigos, constatou-se que alguns enfermeiros não sabiam ou não conheciam sobre o autismo, com isso não podiam prestar uma assistência qualificada e segura.^{16,17} Outros estudos apontam a intervenção musical como forma de cuidado e a Social Stories, considerada uma fonte de aprendizagem social que sugere a troca de informações entre os pais e profissionais e as crianças com TEA.^{18,19} Muitos profissionais de enfermagem ao atender os autistas sentem medo, pena e despreparo, ainda afirmam que estes pacientes são diferentes e que os mesmos merecem atenção e respeito.^{14,15}

Sendo assim, estudos evidenciam que o atendimento de enfermagem, pode ser comprometido pela falta de vínculos entre profissional e paciente, pois os autistas demonstram dificuldades de comunicação verbal e não verbal, desvio de olhares, falta de reciprocidade, inflexibilidade, reação de pânico, comportamento estereotipados e isolamento.^{14,18}

Em contrapartida, este mesmo atendimento pode ser ainda mais complexo, pois o desconhecimento por parte dos enfermeiros ou dúvidas, sobre o transtorno do espectro autista, influenciará na assistência, gerando incertezas e medo. Muitos enfermeiros que participaram de entrevistas, afirmam que o tema não foi abordado na graduação, enfatizando que o conteúdo de saúde mental foi superficial e resumido, ou não tiveram a oportunidade de estar com estes pacientes durante as consultas de enfermagem, ainda ressaltam que existem poucos estudos publicados relacionados com o TEA.^{14,16}

Autores relatam que o diagnóstico, é realizado por meio de exame clínico, fundamentado na observação constante da criança e pela entrevista com os pais. A atenção multiprofissional é indispensável, pois os sinais clínicos são apresentados de acordo com o grau de severidade de cada portador. A detecção do TEA ocorre por volta dos três anos de idade, podendo ser detectado com exatidão a partir dos 18 meses de vida. Acredita-se que a dificuldade em fechar o diagnóstico, traz para família desestruturação e desgaste gerado pelas buscas constantes sem soluções.^{15,17}

O papel da família no diagnóstico do transtorno do espectro do autista é primordial, pois, o convívio diário dos pais permite que eles sejam os primeiros a observarem,

que as crianças apresentam comportamentos diferentes da normalidade. Algumas características facilitam para os familiares identificarem quaisquer alterações; como por exemplo: as crianças são muito isoladas, não aceitam abraços e beijos, não gostam de brincar com outras pessoas, gritam e choram, tem manias de mexer os dedinhos das mãos, tem atração por objetos que giram (rodas de carrinho e ventiladores), balançam o corpo para frente e para traz.¹⁷

A família vivencia momentos de peregrinação por consultórios e hospitais em busca de ajuda e respostas com os profissionais de saúde. Frente a esta situação, a enfermagem, é responsável por proporcionar acolhimento e uma boa recepção às famílias. Desta forma, é importante que o enfermeiro conheça sobre o autismo para auxiliar a família, assim contribuirá para os cuidados com o autista. O principal objetivo é o cuidar, tanto do paciente quanto da família, fornecendo quaisquer informações aos pais, criando abertura de espaço para discussão e procedimentos assistências.^{14,15}

Portanto o diagnóstico e o tratamento do TEA devem acontecer de maneira multidisciplinar. Dessa forma, a interação entre o enfermeiro, autista e seus familiares torna-se importante, uma vez que o profissional passa mais tempo em contato com estes pacientes em comparação com outros profissionais. Além disso, o enfermeiro proporciona uma melhora na qualidade de vida do paciente, com planejamento e inserção do mesmo na sociedade.^{16,19}

É necessário entender que cada paciente possui sua singularidade, independente de ter o transtorno do espectro autista ou não, eles são únicos e precisam que a sociedade saiba interpretá-los como seres humanos, pois apresentam suas limitações, mais não excluindo suas capacidades de desenvolvimento se executadas de maneira eficaz e disciplinadas. Lembrando que a criança com autismo não se restringe as características apresentadas pelo transtorno autístico.¹⁴

Durante a consulta de enfermagem, o profissional pode usar a tecnologia musical, atividades lúdicas, DVDs e brincadeiras para auxiliar no atendimento, diminuindo a ansiedade e o estresse, proporcionando conforto e relaxamento, além de estreitar as relações entre profissional e paciente. Verificou-se que a música teve destaque como cuidado de enfermagem, pois possibilitou maior interação, comunicação e mudança de comportamento nas crianças autistas. Com isso, a intervenção musical

têm sido uma fonte inspiradora de cuidado, sendo utilizada cada vez mais no tratamento dos pacientes com TEA.¹⁸

Além do paciente autista a família também deve ser assistida, principalmente as mães, que assumem as responsabilidades do cuidado. Algumas delas relataram em uma entrevista semiestruturada, os desafios de ensinar a higienização corporal, lavagem das mãos após utilizar o banheiro, escovação dos dentes. Conseqüentemente os familiares vivenciam sobrecarga emocional e física, passam por uma rotina árdua, difícil e cansativa, precisam compreender e aceitar a condição de seus filhos e aprender a conviver com as dificuldades das crianças em demonstrar amor e afeto.¹⁹

Nesse contexto o enfermeiro ganha espaço, traçando planos de cuidados para a criança autista e sua família. Oferecendo apoio e orientações acerca da direção que irão tomar. Ainda nesse âmbito, o profissional poderá ensinar para esses pacientes sobre o autocuidado, permitindo deste modo mais autonomia para a criança. É necessário estipular uma rotina para que os cuidados sejam cada vez mais efetivos, pois este tipo de transtorno requer dedicação. A enfermagem também pode amenizar a dor, a culpa e a vergonha dos pais, auxiliando-os a entender que não são os responsáveis por esta condição de seus filhos.^{15,19}

Para que a enfermagem possa desenvolver esses papéis com sucesso, faz-se necessário conhecer e entender sobre transtorno do espectro autista ou TEA. Fica claro que, o enfermeiro atua no processo de prevenção, promoção e reabilitação da saúde promovendo melhor qualidade de vida para as crianças autistas e seus pais.^{14,15,16}

CONCLUSÃO

Por meio deste estudo, percebe-se que o tema é pouco abordado no Brasil, conforme o pequeno quantitativo de artigos que contemplaram os critérios de análise deste estudo, o que reflete na precariedade da atenção dos enfermeiros voltada à assistência aos portadores de TEA. Há um déficit nas graduações, referente às disciplinas voltadas para transtornos neurológicos. Precisa-se rever, sobre a relevância da saúde mental nos currículos e também nos serviços de saúde, atualizando os enfermeiros através de palestras, cursos, capacitações de assistência, materiais informativos.

Este estudo evidencia a necessidade de se repensar o contexto de atuação da enfermagem, no que tange cuidados ao paciente autista e sua família, com vistas à maior abrangência, onde o profissional atue com mais conhecimento científico e segurança. Seria interessante que mais pesquisas fossem realizadas, evidenciando as dificuldades do cuidado ao paciente com TEA, para que assim o maior número de estudos possa incentivar os profissionais a buscarem conhecimento e embasamento sobre a temática, para que o cuidado seja futuramente mais íntegro seguro e humanizado, objetivando os melhores resultados.

Considerando os resultados obtidos, este estudo fornece contribuições para a equipe de enfermagem, enfatizando a importância do enfermeiro em se capacitar para prestar um bom atendimento aos pacientes portadores do transtorno do espectro autista e seus familiares, durante a assistência de enfermagem.

Referências

- 1 Mergl M, Azoni CAS. Tipo de ecolalia em crianças com Transtorno do Espectro Autista. Rev. CEFAC [Internet]. 2015 [acesso em 2018 Jan. 15]; 17(6). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462015000802072&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- 2 Ministério da Saúde (BR). Diretrizes de Atenção à Reabilitação as pessoas com TEA. Brasília, DF, Ministério da Saúde; 2013. 86 p.
- 3 Ministério da Saúde (BR). Linha de cuidados para a atenção as pessoas com TEA e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde- Brasília, DF, Ministério da Saúde; 2015. 156 p.
- 4 Bortone ART. Identificação do espectro do transtorno autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. Rev. digit. FAPAM [Internet]. 2016 [acesso em 2018 Jan. 15]; 7(7). Disponível em: <http://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/view/133/130>
- 5 Zanon RB, Backes B, Bosa CA. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. Rev. Psic: Teor. e Pesq. [Internet]. 2014 [acesso em 2018 Jan. 15]; 30(1). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n1/04.pdf>
- 6 Organização das Nações Unidas no Brasil. Especialistas da ONU em direitos humanos pedem fim da discriminação contra pessoas com autismo [Internet] Organização das Nações Unidas no Brasil; 2015 [acesso em 2018 Jan. 15]. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/especialistas-em-direitos-humanos-da-onu-pedem-fim-da-discriminacao-contra-pessoas-com-autismo/>
- 7 Oliveira BDC, Feldman C, Maria Cristina Ventura Couto MCV, Lima RC. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. Rev. de saúde colet. [Internet]. 2017 [acesso em 2018 Jan. 15]; 27(3). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v27n3/1809-4481-physis-27-03-00707.pdf>
- 8 Meimes MA, Saldanha HS, Bosa CA. Adaptação materna ao TEA: Relações entre crenças, sentimentos e fatores psicossociais. Rev. Psico. [Internet]. 2015 [acesso em 2018 Jan. 18]; 46(4). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psico/v46n4/02.pdf>
- 9 Gomes PTM, Lima LHL, Bueno MKG, Araújo LA, et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. J. Pediatr. [Internet] 2015 [acesso em 2018 Jan. 18]; 91(2). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572015000200111&script=sci_arttext&tlng=pt
- 10 Nascimento MA, Pereira M, Garcia SCM. Autismo infantil: acolhimento e tratamento pelo Sistema Único de Saúde. Rev. Valore. [Internet]. 2017 [acesso em 2018 Jan. 18]; 2(1). Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/35/47>

11 Zanatta EA, Menegazzo E, Guimarães AN, Ferraz L, et al. Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. Rev. Baiana de enferm. [Internet]. 2014 [acesso em 2018 Jan. 18]; 28(3). Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10451/8989>

12 Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. [Internet]. 2010 [acesso em 2018 Jan. 20]; 8(1). Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf

13 Karina Dal Sasso Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Rev. Enferm. Florianópolis. 2008 [acesso em 2018 Jan. 20]; 17(4). Disponível em: http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0104-07072008000400018&pid=S0104-07072008000400018&pdf_path=tce/v17n4/18.pdf&lang=pt

14 Dalmora DD, Costa MM, Franchini B. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. Rev. J Nurs Health. [Internet]. 2014 [acesso em 2018 Fev 10];4(1). Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/bde-31437>

15 Pinto RNM, Torquato IMB, Collet N, et al. Autismo infantil: impactos do diagnóstico e repercussão nas relações familiares. Rev. Gaúcha de Enferm. [Internet]. 2016 [acesso em 2018 Fev. 10]; 37(3). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37n3/0102-6933-rgenf-1983-144720160361572.pdf>

16 Sena RCF, Reinalde EM, Silva GWS, et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. J. res. Fundam. Care. Online. [Internet]. 2015 [acesso em 2018 Fev. 10]; 7(3). Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3883/pdf_1609

17 Ebert M, Lorenzini E, Silva EF. Mães de crianças com o transtorno autístico: percepções e trajetórias. [Internet]. 2015 [acesso em 2018 Fev. 15]; 36(1). Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36n1/pt_1983-1447-rgenf-36-01-00049.pdf

18 Franzoi MAH, Santos JLG, Backs VMS, et al. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. [Internet]. 2016 [acesso em 2018 Fev. 15]; 25(1). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072016000100701

19 Rodrigues PMS, Albuquerque MCS, Brêda MZ, et al. Autocuidado da criança com espectro autista por meio da Social Stories. Esc. Anna Nery. [Internet]. 2017 [acesso em 2018 Fev. 15]; Disponível em: http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/?lang=pt&home_url=http%3A%2F%2Fbrasil.bvs.br&home_text=BVS+Brasil&q=Autocuidado+da+crian%C3%A7a+com+espectro+autista+por+meio+da+Social+Stories.+&submit=Pesquisa